



RESENHA DE GAIVOTAS

ROCHA, Hélio. **Gaiotas**. Guaratinguetá-SP: Penalux, 2015. 112p.

Wany Bernardete de Araujo Sampaio

Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens - GECEL/CNPq

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

wansamp@gmail.com

A obra *Gaiotas*, de Hélio Rocha, é uma coletânea de contos sobre voos metafóricos: um painel de fascinantes e envolventes “viagens” literárias (oníricas e/ou reais?) no contexto amazônico. No prefácio do livro, Heloísa Helena Siqueira aborda cada um dos contos, enfocando, especialmente, a presença do insólito, da metamorfose e da diáspora indígena e animal. Nas palavras de Correia, “[...] o leitor encontrará o olhar do colonizador (estrangeiro e brasileiro) sobre a natureza e os homens [...] e também a perspectiva dos que lutam para resistir à violência, à devastação, às enchentes, às estradas, às hidrelétricas e às doenças” (CORREIA, in ROCHA, 2015, p. 13).

Em sua apresentação, o autor assim comenta sobre os sete contos que compõem o livro:

[...] “Rumo à terra do Sem-Fim” e “O lago de Samuel” - foram concebidos a partir do livro *The Road to Extrema*, do jornalista estadunidense Bob Reiss, que visitou a Amazônia no final da década de 80 do último século; o conto “O etnólogo” nasceu da leitura de *Do Roraima ao Orinoco*, de Theodor Koch-Grünber e é uma homenagem a esse etnólogo alemão; já o conto “Madame Godin” é uma tradução interlingual da introdução de *Isabela Godin: the lost lady of the Amazon*, romance de Anthony Smith baseado na narrativa de La Condamine. Os demais contos são frutos da técnica e da imaginação, principalmente “Speculae”, dedicado a H. M. Tomlinson; “Dany” e “(In)visibilidade”, devo às experiências de leituras *in situ* e da historiografia regional (ROCHA, 2015, p. 10).

O primeiro texto, *Dany*, alude ao ano de “2014. Ano de Copa do Mundo de Futebol. Ano de uma das maiores enchentes do rio Madeira. Ano em que as gaivotas migraram do *Cai N’água* - região portuária de Porto Velho - para a Praça Marechal Rondon” (ROCHA, 2015, p. 19). O conto narra o cotidiano de uma jovem descendente caripuna prostituída e seu assassinato (por um ex-marido ciumento) em meio ao mundo da prostituição que fervilha em uma praça central da cidade. Vê-se, na narrativa de Dany, o triste fato de que mulheres indígenas têm sido seviciadas, exploradas e prostituídas desde a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

até hoje, incluindo-se as agressões decorrentes da construção das atuais usinas hidrelétricas do rio Madeira.

O segundo texto, *Rumo à terra do Sem-fim*, nos remete a “Dezembro de 1988. Ano do Assassinato brutal de Chico Mendes, em Xapuri. Ano dos “Empates” no Acre. Ano de inúmeros holocaustos na Amazônia Ocidental” (ROCHA, 2015, p. 29). O texto relata a primeira viagem do repórter investigativo nova-iorquino Bob Reiss à cidade de Porto Velho, com o objetivo de escrever um livro de histórias amazônidas e nova-iorquinas. O texto evidencia o impacto da chegada do repórter, avistando queimadas ainda quando estava no avião; o aeroporto com lojas de *souvenir e pubs*, prédios, etc., são fatos que afetam a visão romântica do colonizador estrangeiro sobre o espaço amazônico em que ele “queria viver com as tribos que sempre haviam vivido ali. Queria conhecer a *Esfinge Verde* a partir de sua própria experiência com indígenas, garimpeiros, extrativistas, fazendeiros, pescadores etc.” (ROCHA, 2015, p. 37).

O lago de Samuel é o terceiro conto da coletânea, transportando o leitor para “1982. Início da construção da barragem de uma usina no rio Jamary, em Rondônia. Chamam-na Hidrelétrica de Samuel porque ali existia uma cachoeira batizada com esse nome” (ROCHA, 2015, p. 47). Temos aqui a narrativa de uma incursão florestal realizada pela bióloga S. Sampaio, acompanhada por Arikapu (provavelmente indígena, que é o narrador). A bióloga, contratada pela Eletronorte - assim como outros cientistas - para trabalhar no estudo e resgate dos animais impactados pela represa da usina hidrelétrica de Samuel, no rio Jamary, sonhava “influenciar a política nacional e salvar animais que estivessem na rota do progresso” (ROCHA, 2015, p. 55).

Speculae, quarto conto da obra, nos remete ao ano de 1910, “ano da visita de H. M. Tomlinson à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). Ano da morte do geógrafo e explorador George Earl Church (1835-1910), que era de Massachussets, EUA, mas que gastara o vigor de sua existência na América do Sul em busca de riqueza e poder” (ROCHA, 2015, p. 65). O texto retrata a viagem do londrino Tomlinson a bordo do navio *Capella* e sua chegada à ilha de Jurupari, entremeada por uma viagem onírica a outros portos, situados em grandes países e cidades. É perceptível a frustração no olhar do viajante estrangeiro, diante do *Inferno Verde* com o qual se depara, bem distante da imagem da floresta tropical por ele construída em sonhos como o verdadeiro jardim do éden, o paraíso. Ao constatar que “as marcas de um mundo agonizante” se espalham também aqui, “nas costas do mundo”, o viajante percebe que “sua alma era simplesmente um *speculum* plano e estriado. Interior e exterior revezavam-se num fluxo e refluxo contínuos” (ROCHA, 2015, p. 73).

O quinto conto da coletânea se intitula *O etnólogo* e reporta-se a “1911. Maio. Mês da segunda viagem de Koch-Grünberg a Manaus, uma cidade com um porto repleto de armazéns e navios transatlânticos atracando nos pontões, nos quais se podia desembarcar com a maior comodidade e participar de um panorama cercado de verde frescor” (ROCHA, 2015, p. 75). O conto relata uma viagem do alemão Koch-Grünberg, saindo de Manaus (Amazonas) para Boa Vista (Roraima), suas interações com os indígenas e outros amazônicas, os portos em que atracou, até ser acometido pela malária, “convicto de que deixaria seus ossos enterrados naquele vilarejo de tardes tranquilas e sons matinais tão singulares, enquanto as gaivotas voavam às margens do rio Branco, naquela selva misteriosa e, por isso mesmo, fascinante, onde ele tinha gastado boa parte de sua vida, entre indígenas, mitos e lendas” (ROCHA, 2015, p. 89).

O sexto conto, *(In)visibilidade*, remete a “Fevereiro de 1871. Mês e ano da chegada de A. R. P. Labre ao território dos indígenas Apurinã e Paumary na região do Médio Purus denominada Maciary pelos nativos” (ROCHA, 2015, p. 91). É uma pintura realista do assassinato do povo Apurinã, comandado pelo Coronel Labre. Um verdadeiro genocídio, eivado de crueldade e preconceito: “– Metei bala nesses bugres. Não tenhais pena de munição. Vamos, espalhai-vos. Não são humanos. Não possuem alma como a nossa. São seres bestiais. A morte os libertará” (ROCHA, 2015, p. 98). Nesse conto, evidencia-se metamorfose das índias Daw e Cati que, supostamente, se transformaram em cotias para escapar dos invasores. Entretanto, nem mesmo a metamorfose as salvou: foram executadas a golpes de facões, seus corpos perfurados e dependurados em seringueiras. Seus negros olhos indígenas permaneceram abertos, “para atormentar a Modernidade”.

O sétimo e último conto, Madame Godin, remonta a Paris, 1735. Como diz o próprio autor, trata-se de “uma tradução interlingual da introdução de *Isabela Godin: the lost lady of the Amazon*, romance de Anthony Smith, baseado na narrativa de La Condamine” (ROCHA, 2015, p. 10). A expedição La Condamine veio de Paris para a América do Sul, composta por vários cientistas (geodésico, astrônomo, matemático, desenhista, médico, botânico, relojoeiro, técnico de instrumentos e outros), dentre os quais estava Jean Pierre Godindes Odona que, durante os trabalhos no Peru, conheceu e se apaixonou pela peruana Isabela de Grandmaison y Bruno. A breve introdução instiga o leitor a conhecer a história de amor e separação de um casal que “desejava simplesmente viver junto, mas descobriu que esse desejo tão simples tornara-se extraordinariamente difícil, devido à fusão política e a empecilhos como os Andes, as tribos indígenas, as suspeitas e o impressionante rio Amazonas” (ROCHA, 2015, p. 108-109), ficando esses amantes separados ao longo de 20 anos.

Hélio Rocha escreve esses contos com uma vivência amazônica especial, pois é um caboclo que viaja de barcos pelos nossos rios, pendurado nas redes, observando as pessoas, as comidas, as cidades ribeirinhas, as igrejinhas, as praças, os bares, enfim, observando a vida em seu derredor, por isso nem sempre mostra ao leitor finais felizes. O estilo rápido de escrita, a linguagem clara e direta e o envolvimento com a historicidade são aspectos bastante atraentes em seus textos.

Por fim, após essa síntese dos contos, quero comentar sobre meu primeiro impacto diante do título da obra: a palavra *Gaivotas* denota um deslocamento da nossa realidade amazônica (que envolve mormente rios), pois essas aves são próprias de regiões marinhas. Por outro lado, essa mesma palavra denota a aproximação do olhar do outro, do estrangeiro, sobre essa mesma realidade amazônica. *Gaivotas*, portanto, traz uma carga semântica muito forte. Pelo lado do nativo amazônica, explorado, vilipendiado, escravizado e até assassinado, a palavra *gaivotas* pode se associar ao voo, à liberdade, à busca, à resistência. Pelo lado do estrangeiro, do colonizador, a palavra pode se associar ao voo, a conquistas, descobertas e, especialmente, ao olhar superior em relação ao outro subjugado. Assim, as gaivotas ora são o colonizado, ora são o colonizador, cada um com seu voo e visão particulares. Nesse embate, as histórias acontecem de forma envolvente, instigante e, muitas vezes, comovente.

Cada um dos contos de *Gaivotas* é situado histórica e geograficamente, o que, de certa forma, na minha leitura, subverte grandemente o caráter não real dos contos, atribuindo-lhes tanta verossimilhança factual, que chegam a parecer, em alguns casos, crônicas reais do cotidiano... Mas essa pode ser uma impressão minha, enquanto amazônica que viveu e vive essas realidades contadas por Hélio Rocha. Talvez por isso, na leitura de cada conto, eu tenha sentido o gume dos facões dos gaivotões atravessando os corpos ancestrais que em mim ainda habitam.